

## O insulto como fúria narcísica

Referente ao filme O Insulto,  
produção franco-libanesa de 2017  
dirigida por Ziad Doueri, falada em árabe.

Luiz Fernando Gallego <sup>1</sup>

---

Por trás de uma desavença – que, a princípio, teria sido causada por um cano de escoamento de água irregular na varanda de um apartamento – há mais ressentimentos do que se poderia supor. Águas passadas ainda movem moinhos e reforçam fronteiras intransponíveis entre um libanês cristão e um palestino refugiado que trabalha em obras urbanas, exatamente para corrigir pequenas irregularidades em construções fora de padrões, o que parece ocorrer de modo desordenado em certos bairros da cidade de Beirute, na atualidade.

É evidente que este filme trata de graves questões políticas que, entretanto, também podem ser exemplificadas num microcosmo como o que é descrito – e a partir do qual o conflito vai ganhar proporções infinitamente maiores, chegando às dimensões que o diretor e seus roteiristas querem atingir, mas sem repetir estereótipos por demais conhecidos: talvez seja a primeira vez que um filme de grande projeção aborda a mais do que complexa questão palestina sem se limitar ao conflito com Israel, mas apontando o dedo para a raramente levantada cisão entre demais árabes e palestinos. Só por isto o filme já mereceria atenção redobrada.

Por outro lado, vale mencionar que o conflito que se estabelece entre o libanês Tony Hanna (interpretado pelo ator Adel Karan) e o palestino Yasser Abdallah Salameh (interpretado por Kamel El Basha, prêmio de melhor ator no Festival de Veneza 2017) também serve para caracterizar uma circunstância emocional que a psicanálise descreve como “*Fúria Narcísica*”.

---

1. Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro

Para não entrar em minúcias de detalhes teóricos, fiquemos com o exemplo que o próprio psicanalista Heinz Kohut (1913-1981), que foi quem cunhou o conceito, utilizou: o Capitão Ahab, imortal criação de Herman Melville em sua obra-prima *Moby Dick*. Ahab quer destruir a baleia branca que havia provocado o naufrágio que lhe custou uma perna. Para ele, só havia uma meta na vida: destruir a baleia, mesmo que para tal ele morresse junto – como de fato acontece no desfecho do romance. Mas isto “não importa”: pessoa, coisa, entidade, ideário político, grupo étnico, país, time adversário, seja o que for, que tenha sido identificado como obstáculo a nossos interesses e/ou necessidades e, portanto, experimentado como uma decepção gravíssima (por não estar a serviço do que eram nossas expectativas conscientes ou não), este objeto de frustração passa a ser vivenciado como causa de uma ferida irreparável na representação do sujeito sobre si mesmo (o *self*).

E para tentar restaurar o *self*, cicatrizar esta chaga, só se vê uma suposta solução: a destruição do causador de tal ferida em nosso amor-próprio. Não se trata necessariamente de uma explosão furiosa, como se poderia supor: eventualmente poderá até ser assim, mas também pode aparecer como a alimentação demorada de estratégias para atingir uma vingança que venha a ser comida fria.

E o filme mostra que as reações, inicialmente de Tony, mas também de Yasser, caracterizam algo da “fúria narcísica”: o narcisismo estruturante que serve à autoimagem sofre uma ferida tão profundamente sentida que apenas a fúria voltada contra quem causou tal ferida irá satisfazer aquele que se sentiu ofendido – mesmo que esta pessoa que quer destruir o outro também sofra danos paralelos, secundários à sua fúria.

Logo percebemos a insensatez (para quem olha de fora) das atitudes dos dois (quase) irmãos em etnia. Para eles, entretanto, não pode ser diferente: fazem o que fazem “justificados” por seus motivos políticos (uma cortina de fumaça?), por suas histórias pessoais (mais do que uma desculpa) e por suas feridas narcísicas transformadas em fúria narcísica.

O diretor deste filme não foge de polêmicas: sua obra anterior, *O Atentado*, de 2012, lidava com outra explosiva (literalmente) questão ao tratar de uma mulher-bomba palestina casada com um importante cirurgião, também palestino, domiciliado, e muito bem considerado até então, em Tel-Aviv. O filme só foi exibido em um país árabe, Marrocos, durante um festival (em que foi até mesmo premiado), mas permanece inédito no mundo árabe sob a alegação de que foi rodado em Israel.

Recebido em: 13/12/2018

Aprovado em: 10/4/2019

---

Luiz Fernando Gallego  
Rua Xavier da Silveira, 45/603 – Copacabana  
Rio de Janeiro – RJ – Cep: 22061-010  
(21) 99985-4127  
luizgallego@gmail.com